

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E FINANÇAS

COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS

ORIENTADORA : IVÂNY SARAIVA

ALUNA : NORMANDIA BARBOSA JUSTINO SILVA

MONOGRAFIA : ASPECTOS SÓCIO ECONÓMICO

POLÍTICOS DO NORDESTE

21/12/88
Ivany b. M. Saraiva



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2021.

Sumé - PB

I N D I C E

	PÁG
- INTRODUÇÃO	01
- ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS	02
- PROBLEMAS CLIMÁTICOS	04
- ECONOMIA NORDESTINA	06
- ALGODÃO	08
- D N O C S	09
- SUDENE	12
- CONCLUSÃO	15
- BIBLIOGRAFIA	16

I N T R O D U Ç Ã O

Este trabalho fará um relato sobre as dificuldades enfrentadas pela região Nordeste.

Destacaremos os aspectos sociais, políticos e econômicos, já que estes compõem o quadro da economia nordestina.

Alguns órgãos federais se sobressaíram na tentativa de colaborar para o crescimento da região, entre eles destacamos o DNOCS e a SUDENE.

O Nordeste enfrenta maiores dificuldades no aspecto econômico, pois este setor é de vital importância para o crescimento regional.

Contudo, os problemas climáticos também fazem parte das dificuldades, que há vários anos assolam a região.

Por isso, sintetizaremos alguns dos vários impeditivos que obstruam o crescimento sócio-econômico do Nordeste.

ASPECTOS SÓCIO - ECONOMICO

A região Nordeste possui uma população de aproximadamente 40 milhões de habitantes. Ultrapassando em nº de habitantes vários países entre eles estão : Argentina (27 milhões de habitantes), Colômbia (26 milhões de habitantes), Peru (18 milhões de habitantes), Venezuela (16 milhões de habitantes) e assim por diante.

Com uma população tão grande, os problemas sociais são da mesma dimensão, pois possui um índice de desemprego elevado, mão-de-obra subempregada, enfim a grande massa trabalhadora possui pouca ou nenhuma qualificação profissional. E o sonho de vários nordestinos é a região sul, mais especificamente São Paulo e Rio de Janeiro, onde lá chegando não arranjam um emprego, cujo ordenado seja suficiente para garantir suas necessidades básicas (alimentação, habitação, saúde, etc...), então passam a morar em favelas, cortiços, enfim os nordestinos começam a conviver com o peso de que é a cidade grande.

Embora, a região nordestina seja densamente populosa, apenas 13% da ^Rrenda ^Jinterna brasileira se destina ao Nordeste, por isso que cada nordestino ganha 3,5 vezes a menos que os habitantes da região Centro-Sul. E existem outros indicadores que acentuam o desequilíbrio social e pessoal da renda. Se associam a eles pontos negativos da infraestrutura econômica e social.

No que diz respeito à infraestrutura social, temos a situação educacional e a mortalidade.

A escolaridade da região nordestina deixa muito a desejar, pois a maioria das crianças e dos jovens é obrigada desde

cedo a trabalhar para compor o orçamento da família, deixando de frequentar a escola.

A saúde da população nordestina também é precária. Segundo Hélio Ramos a expectativa de vida não ultrapassa os 55 anos. A mortalidade infantil é acentuada, pois entre mil crianças nascidas vivas, 163 morrem com menos de 1 ano e este número infelizmente está aumentando .

PROBLEMAS CLIMÁTICOS

Além dos problemas sócio-econômicos que afligem os nordestinos, existem também os problemas climáticos.

Há registros históricos da ocorrência de secas, desde os primórdios da colonização. Vários estudos foram feitos por Girandi e Teixeira (1978) e Carlos Nobre (1982) com a finalidade de prever quais os períodos em que a seca seria mais severa ou mais amena, mas este poder de previsão, se situa em torno de 24%, sendo assim possível antecipar uma entre quatro ocorrências de maior gravidade.

Outra metodologia, permitiu ao inglês Gilbert Walker (1928) prever a precipitação sazonal (janeiro-junho), mas o nível de acerto não chegava a 80%, o mínimo aceitável por ele, então por conseguinte ele abandonou o estudo feito a esse respeito.

Paulo Nobre observou através das altas e baixas pressões, que é possível estabelecer o período da estação chuvosa no Nordeste que é entre 3 e 4 meses e fornece elementos para prever as precipitações, se elas serão normais, excessivas ou escassas.

Embora, este método seja mais eficiente que os demais, ele, apenas prevê a qualidade da estação chuvosa (março-junho) nada informando, sobre a distribuição temporal das precipitações.

A análise da distribuição das chuvas no globo terrestre sugere que a semi-aridez do Nordeste é determinada pela circulação geral da atmosfera, enfim as principais causas são ex -

ternas,mas a semi-aridez da região é provavelmente alimentada também por circunstâncias locais, como a topografia e a alta refletividade da sua crosta.

ECONOMIA NORDESTINA

A evolução da economia brasileira na década de 60, atingiu seu auge através do modelo de substituição de importações, condicionado pela crise da demanda externa.

Foram esses fatores que originaram a política econômica voltada para o Nordeste.

Historicamente, depois do declínio do sistema açucareiro e criatório. Surge outro produto agrícola : o café . Este produto modifica toda a estrutura econômica brasileira.

A região produtora do café é o Centro-Sul que começa a reunir vantagens sobre as demais regiões do país. Daí, que se originou a tendência acumulativa em favor do Centro-Sul.

Essa região é ao mesmo tempo, a região da indústria e sua produção voltada para o mercado externo. Com isso, a população

Essa região é ao mesmo tempo, a região da indústria e sua produção voltada para o mercado externo. Com isso, a população nordestina ociosa, passa a fornecer mão-de-obra para a indústria cafeeira, contribuindo para o crescimento do Centro-Sul, enquanto sua respectiva região fica com a economia estagnada. *então a população é culpada ?*

Em termos de evolução histórica, o complexo econômico do Nordeste foi formado secularmente a partir dos impulsos do seu setor exportador, baseado na produção açucareira. Deste complexo fazia parte uma incipiente estrutura industrial composta sobretudo por ramos tradicionais, e que era função direta da demanda regional.

O setor exportador continuou sendo historicamente, o determinante fundamental do crescimento da economia regional.

ALGODÃO

Devido à Revolução Industrial e principalmente pelo avançada indústria têxtil inglesa, a demanda por algodão à nível mundial aumenta em grande escala. Então, o Nordeste por ter seu clima semi-árido propício à plantação do algodão e outras culturas como : agave, mamona, mandioca, etc... *falta completar o raciocínio*

Com o clima a seu favor, o Nordeste transforma-se em um grande algodoeiro, mas não deixando de produzir outras culturas de subsistência. Então começa a penetrar na agricultura (plântio) e na produção (industrialização) do Nordeste. O capital internacional. Isto realiza-se através do controle do valor dessa mercadoria.

Então como consequência da penetração do capital internacional na agricultura viabilizam-se as duas regiões : a do café e a algodoeira-pecuária subordinando-as à circulação internacional de mercadorias.

- D N O C S -

Com a internacionalização do capital na agricultura nordestina, só quem era beneficiado com os investimentos aqui feitos, eram os trustes internacionais, que faziam parte de uma minoria da população, com grandes privilégios, que não estavam preocupados com a maioria da população que sofria com a seca. Então o governo começou a se preocupar com este fenômeno, por isso criou um órgão que cuidará especificamente deste problema climático na época conhecido por IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas), posteriormente denominado DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

No início, este órgão começou fazendo barragens, que represassem água para o período de seca, perfuração de poços, barragens que propiciassem a irrigação agrícola, construção de estradas de rodagem no interior semi-árido e, finalmente estudos técnicos-científicos.

O DNOCS através da SUDENE passou a ser o órgão de ação do Estado.

Mas, isto não era suficiente para resolver o problema da economia nordestina, era necessário que se industrializasse o Nordeste. Pois, não adiantava dar melhores condições para o desenvolvimento na agricultura, sem acabar com o latifúndio mercantil ainda existente e predominante, outro problema fundamental era substituir o capital mercantil pelo capital industrial.

quem diz isto?

A industrialização existente no Nordeste na década de 50, era precária para absorver toda a massa de trabalhadores, que desejavam ^koderecer sua mão-de-obra. E além do mais todo produto aqui industrializado era voltado para o mercado externo.

E quando a burguesia industrial nordestina, começa a voltar sua produção para o mercado interno, surge o IAA (Instituto do Açúcar e do Alcool), para coibir os avanços industriais e tornar a economia do Nordeste dependente e submissa à economia do Sul, isto porque toda a industrialização do Nordeste açucareiro-textil, deveria ter uma integração no mercado nacional. Este, foi o resultado da imposição burguesa - industrial do sul, ficando a economia nordestina debilitada.

?
quem
dis
isto?

Então, começa a haver penetração das mercadorias produzidas pelo Centro-Sul no Nordeste. A consequência política de todo esse processo é a total perda do poder político da burguesia industrial açucareira -textil sobre sua própria região, onde a economia e a política do sul com o Nordeste fazem um ponto de fusão.

O DNOCS, também passa a fazer parte dessa fusão oligárquica, ficando o Estado apenas como agente da divisão técnica do trabalho.

Com, a economia nordestina descapitalizada em favor do centro de acumulação do Sul, se cria em 1953, o BNB (Banco do Nordeste do Brasil), esta foi a última instituição estatal capturada pela oligarquia agrária algodoeira pecuária do Nordeste, sua faixa de atuação ficou restrita ao chamado Polígono das Secas.

quem
dis
isto?

O BNB só começou a atuar em financiamento de prazo industrial, após uma década de sua criação, antes disso só fez financiamento de capital de giro para indústrias que estivessem dentro do Polígono das Secas, onde os representantes do mesmo, faziam parte da oligarquia algodoeira do Nordeste.

S U D E N E

A SUDENE foi criada em 15 de dezembro de 1959 e surgiu da necessidade de uma intervenção estatal planejada, no Nordeste, para tentar " aumentar os investimentos na região. Mas, sabemos que a SUDENE não alcançou seus principais objetivos.

Isto não significa que deveria resolver todos os problemas nordestinos, isto seria praticamente impossível, coube a ela apenas o papel de interromper o processo de agravamento das diferenças regionais.

Este órgão deveria ser um instrumento de repasse de fundos públicos para a economia nordestina, com a participação dos governadores dos respectivos Estados. Então criou-se um artigo que estabelecia incentivos na forma de dedução do imposto de renda, para as empresas que realizassem investimentos na região, a SUDENE transformou-se em veículo da transferência de capital industrial do Sul para o Nordeste. Essas filiais aqui instaladas, devido a tecnologia absorviam uma pequena quantidade de mão-de-obra. Como consequência, a emigração para o Sul não diminuiu.

A SUDENE deveria também ter se preocupado com a agricultura, liquidando o capital mercantil da agricultura nordestina, infelizmente nada foi feito neste sentido. }

Na verdade, os trabalhadores nordestinos foram marginalizados, a reforma agrária não foi realizada, o latifúndio mercantil manteve-se dominante, procurando associar-se de todas as maneiras ao capital industrial nascente.

Analisando, estes fatos independente do ângulo, esteve

ocorrendo uma transferência de recursos federais do Sul para o Nordeste, entretanto provavelmente não compensou o mecanismo de troca desigual, que tende a ocorrer entre os produtos nordestinos (agrícolas) e os produtos do Sul (industrializados).

Essa transferência e os incentivos fiscais não foram suficientes para tornar mais lucrativos os investimentos no Nordeste. As limitações do mercado nordestino do lado da procura, há uma baixa integração industrial e a baixa qualificação técnica da força de trabalho, do lado da oferta provavelmente explicam a menor lucratividade do capital investido pelas empresas do Sul e do Nordeste. Quando não ocorre um diferencial da taxa de lucro considerável, é inútil esperar mobilidade do capital para a região ou setor considerado deficiente.

Em síntese, o planejamento regional apesar do esforço realizado não foi capaz de reduzir o desequilíbrio entre as regiões porque permanecem submetido à lógica do capital e não foi sequer capaz de se contrapor as estruturas mercantis desse capital ainda dominante no Nordeste. Entretanto, graças as transferências reais dos recursos, impediu que o desequilíbrio se aprofundasse. E serviu como mais um instrumento de dominação da burguesia mercantil e latifundiária local que lentamente se transforma em burguesia industrial.

Decorridos dois anos de sua criação a SUDENE conheceu desdobramentos cuja lógica dependerá da organização do conjunto das forças sociais que a apoiavam e no limite do realinhamento mesmo entre as forças que se opunham.

É o caso do realinhamento entre as forças da burguesia

industrial nordestina e da burguesia internacional associada do Centro Sul com a própria oligarquia agrária algodoeira-pecuária do Nordeste, no momento em que o questionamento da viabilidade da economia da zona semi-árida começou a passar necessariamente, pelo questionamento da estrutura fundiária e do direito de propriedade.

É, certo entretanto, que houve uma mudança fundamental nos objetivos e métodos da SUDENE com relação aqueles propostos por seu idealizador e primeiro superintendente, Celso Furtado.

C O N C L U S Ã O

Com este trabalho tentei mostrar que o Nordeste necessita de órgãos de planejamentos reais. Pois, para que se tente resolver os problemas estruturais e conjunturais que afligem o Nordeste é preciso que se abra um debate para que esses aspectos sejam discutidos, já que a problemática nordestina é discutida em praça pública em todas as cidades. Contudo, somente as universidades dispõem de meios para promover um estudo profundo e contínuo sobre os complexos problemas regionais e além disso, levar ao conhecimento da opinião pública informações valiosas que, com frequência os centros de poder podem manter fora de toda a visibilidade.

Sabe-se que se avançou muito no que diz respeito ao conhecimento da região, de suas possibilidades e limitações. Pois, as estruturas agrárias, foram mapeadas, o que permite ter uma idéia relativamente boa da morfologia regional.

Sabe-se que a região Nordeste na década de 60 e 70 obteve taxas de crescimento elevadas. Se isso é verdade porque os salários reais da grande massa trabalhadora em nada refletiu esse crescimento. E porque a grande maioria da população em nada se beneficiou? A resposta é simples, houve afluência da classe média, em meio a pobreza absoluta da maioria da população que percebe mensalmente menos de um salário mínimo.

Enfim, em meio as crises econômicas existentes no país, quem paga o ônus financeiro é o Nordeste, que sempre entra em completo retrocesso econômico.

B I B L I O G R A F I A

- 1) OLIVEIRA, Francisco - Elegia para uma Re(li)gião
Rio de Janeiro - Ed. Paz e Terra - 1987
- 2) BRESSER PEREIRA, Luiz - Economia Brasileira - Uma introdução crítica - São Paulo - Ed. Brasiliense - 1988
- 3) FURTADO, Celso - Formação Econômica do Brasil
São Paulo - Ed. Nacional - 1987
- 4) FURTADO, Celso e outros - Nordeste - O tempo perdido
Pernambuco - Ed. Asa Pernambuco - 1986
- 5) RAMOS, Hélio - Nordeste, Nação Espoliada
Rio de Janeiro - Ed. Civilização Brasileira, 1982